

Os sentidos do aposentar-se na visão de sujeitos aposentados

Débora Vargas Ferreira Costa¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Três Rios, RJ, Brasil)

Rejane Prevot Nascimento²

Universidade do Grande Rio (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Renan Gomes de Moura³

Universidade do Grande Rio (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

O artigo tem o objetivo de investigar como se dá o processo de interrupção do trabalhar no momento da aposentadoria e como os sujeitos passam por essa experiência em um cenário em que o trabalho é considerado fundamental na vida das pessoas. Foi utilizada metodologia qualitativa, composta por análise de narrativa de entrevistas realizadas com 20 sujeitos aposentados. Os resultados da pesquisa evidenciam que o fator financeiro é bastante relevante, no entanto existem aspectos subjetivos que não são ponderados no momento de parar de trabalhar. De maneira complementar, percebeu-se que ficar sem trabalho em uma sociedade produtivista faz com que os sujeitos se sintam desconfortáveis, mesmo tendo o direito legitimado para o descanso. Eles dizem se sentir julgados como inúteis e improdutivos pela sociedade, o que torna o ócio penoso em muitos momentos. Por fim, as narrativas demonstraram que se aposentar é percebido como ficar velho e sem perspectiva de futuro.

Palavras-chave: Sentidos da aposentadoria, Envelhecimento, Finitude da vida.

The senses of retirement in the perspective of retired subjects

The article aims to investigate how retirement occurs and is perceived by subjects in a society in which work is seen as fundamental in people's lives. A qualitative approach was used and data were collected and analysed through interviews with 20 subjects and narrative analysis. Results show that finances is quite a relevant factor when choosing to retire, while subjective aspects to this process are disregarded. Complementarily, not working in a productivity-bound society makes subjects uncomfortable, despite their legitimized right to rest. The participants reported feeling judged as useless and unproductive by society, which makes idleness painful in many moments. Finally, the narrative analysis showed that retiring is perceived as getting old and having no perspective for the future.

Keywords: Meanings of retirement, Aging, Finitude of life.

1 <https://orcid.org/0000-0002-6716-6959>

2 <https://orcid.org/0000-0002-5242-9509>

3 <https://orcid.org/0000-0002-6605-1631>

Introdução

Vive-se neste momento em uma sociedade em que aposentar-se tem um sentido direto com envelhecer e trabalhar significa produzir e ser útil. Roesler (2012) ressalta que, se no passado as pessoas se aposentavam próximas da morte, atualmente, devido ao aumento da expectativa de vida, as pessoas se aposentam e ainda passam um longo período da vida como aposentadas. Ressalta-se que o processo de se aposentar traz inúmeras implicações na vida dos trabalhadores, principalmente nas questões subjetivas, considerando que há diversos fatores culturais, sociais e econômicos que valorizam o ato de trabalhar (Fossati, Borges et al., 2022).

Barreto e Ferreira (2011) discutem a importância dessa fase na vida dos indivíduos e destacam que empresas melhor estruturadas já têm valorizado a transição para esse período da vida. Todavia, baseiam-se mais fortemente na “marca” da ação como sendo de responsabilidade social, de modo que são desenvolvidos temas relacionados ao cuidado com a saúde, questões financeiras e novas atividades. Desenvolvem ações com foco no incentivo ao investimento do tempo disponível em atividades que geram prazer e permitam aos sujeitos passar por esse período de aposentadoria, tão relacionado ao incômodo causado pelo envelhecimento humano, que muitas vezes apresenta angústia, por remeter ao fim da existência.

Barreto e Ferreira (2011) afirmam que, ao longo da vida laboral, as empresas preconizam a necessidade da identificação total do trabalhador com seu trabalho. Com isso, no momento de se aposentar, a perda do trabalho – um objeto de amor – pode remeter a perda do próprio eu, acarretando ao indivíduo um estado melancólico e todas as consequências envolvidas nessa situação. Nessa mesma linha de pensamento Fossati, Borges et al. (2022) observam que a vivência da aposentadoria causa profundas modificações na vida do aposentado, uma vez que ele precisa reorganizar sua vida pessoal, social e familiar, bem como aprender a lidar com perdas econômicas e subjetivas. Além das questões expostas, a aposentadoria traz sentimentos como medo (de enfrentar uma nova etapa da vida) e insatisfação pessoal, porém sentimentos bons também podem surgir, como o desejo de vivenciar o novo, entender que é um momento de descanso e até mesmo realizar tarefas para as quais não havia tempo (Fossati, Mozzato et al., 2021; Magalhães & Brito, 2022).

É importante observar que a aposentadoria é predominantemente descrita por aquilo que as pessoas não são quando não estão trabalhando. Para compreender esse fenômeno, deve-se levar em consideração as questões culturais, de desenvolvimento e sociais que envolvem a aposentadoria e sua diversidade de significados (Sargent et al., 2013). Destaca-se que a “aposentadoria é um processo que pode ser compreendido por meio de uma perspectiva psicológica, visando a compreender e enfatizar os antecedentes comportamentais, subjetivos e as consequências para o indivíduo” (Cunha et al., 2021, p. 4).

A natureza e forma de trabalho de identidade na aposentadoria e até mesmo resistência à aposentadoria, anuncia novos caminhos de compreensão dessa fase (Sargent et al., 2013). Este artigo busca investigar como se dá esse processo de interrupção do trabalho no momento da aposentadoria e como os sujeitos passam por essa experiência em um cenário em que o trabalho é considerado fundamental na vida das pessoas.

A aposentadoria e seus sentidos

Ressalta-se, inicialmente que o sentido da aposentadoria “não existe em si mesmo, pois é construído e tem suas bases em relações sócio-históricas” (Soares et al., 2021, p.3). Atualmente, no Brasil, a aposentadoria pode trazer para o indivíduo um sentido de vulnerabilidade e fragilidade moral e financeira, bem como sentimento de arrependimento, pois, mesmo tendo

ciência de seus direitos, o sujeito aposentado sente impotência por achar que não pode garanti-los (Soares et al., 2021, p. 3). O direito de permanecer no mercado de trabalho é assegurado aos aposentados pela legislação brasileira. Nesse contexto muitas pessoas permanecem trabalhando mesmo após a aposentadoria, porque o valor recebido do benefício da previdência não é suficiente. Assim, os aposentados não só têm o direito ao benefício assegurado, como também devem ser tratados de modo igualitário em processos seletivos de empregos e concursos (Bitencourt et al., 2011).

De maneira complementar, sua contribuição para a produtividade do país passa a assumir um valor além do econômico, dando maior peso à qualidade da vida dos idosos e destacando o significado do trabalho e do sentir-se ativo para os mais velhos. Assim, a aposentadoria passaria a ser vista não só como uma etapa de adequação dos papéis sociais, mas também como uma nova fase, em desenvolvimento, que pode representar ainda um terço da vida dos indivíduos com longa expectativa de vida (Locatelli & Fontoura, 2013). Além disso, “em uma sociedade predominantemente capitalista, o trabalho encontra-se em um espaço priorizado na vida das pessoas. E nessa sociedade que valoriza apenas quem produz, um idoso aposentado pode apresentar sentimentos negativos pela perda do papel profissional” (L. Souza, Leal et al., 2020, p. 3892).

O término da vida no trabalho pode gerar medo e sentimento de inutilidade ante a sensação de improdutividade, redução dos laços sociais e condição econômica desfavorável, o que restringe mais intensamente as atividades sociais e acelera o processo do envelhecimento social (Soares et al., 2021). De acordo com Turner (2007), a transição envolve a mudança de “uma condição, lugar ou atividade para outra e é ainda definida como uma resposta psicológica à mudança” (p. 248).

A aposentadoria pode significar uma perda de poder, de prestígio, e de laço social, podendo ocasionar uma ferida narcísica grave e um desinvestimento em si mesmo, precipitando a formação de sintoma como acúmulo excessivo de objetos ou no apego excessivo aos mesmos como se eles fossem partes integrantes do próprio sujeito (Mucida, 2006, pp. 36-37).

Mucida (2006) argumenta ainda que, apesar de a aposentadoria não ter relação direta com a velhice, o término do laço social, o fim da vida ativa como chamado por muitos, pode ter efeitos devastadores na vida do sujeito.

Por conseguinte, mesmo que a aposentadoria não represente a velhice ou não a defina, não podemos esquecer que “aposentado” é um significante com ressonâncias sempre negativas, associando-se ao que não serve mais, passou do tempo, e inclusive, à morte do desejo (Mucida, 2006, pp. 34).

R. Souza, Matias et al. (2010) argumentam que a sociedade moderna impõe ao sujeito o trabalho, considerado obrigação moral, um elemento de qualificação, identificação e valorização do indivíduo. Standing (2013) ressalta que o trabalho como valor de troca, a partir do século XX, foi colocado em um pedestal. Em contrapartida, todo o trabalho que não era uma tarefa considerada “produtiva” foi negligenciado.

O trabalho é tido como obrigação moral do indivíduo: a sociedade cobra que todos produzam por meio dele. Aquele que não trabalha não está de acordo com a ética desta sociedade. Isto repercute até mesmo naqueles que já trabalharam, adquiriram o direito à aposentadoria e, quando se aposentaram, continuam vítimas desta ética. Os indivíduos, mesmo depois de terem passado a maior parte de suas vidas desempenhando uma atividade especializada, monótona, sentem-se, quando longe desta atividade, incompletos e/ou inúteis por estarem fora do mercado de trabalho (R. Souza, Matias et al., 2010, p. 7).

Guerreiro Ramos (1981) ressalta que no mundo capitalista há predominância da relação produção e consumo e destaca que, nesse cenário, conseqüentemente, o valor do sujeito está fundamentalmente relacionado à sua capacidade de continuar produzindo. Sua identidade estaria diretamente ligada ao trabalho, que é responsável tanto por sua inclusão social, como pela definição dos grupos e atividades com que o indivíduo se relaciona. Em uma linha semelhante, Cardoso (2009, p. 37) faz uma reflexão sobre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho, afirmando que no mundo contemporâneo “. . . o tempo que não é traduzido em dinheiro, não recebe consideração social”.

Enriquez (1997), por sua vez, argumenta que o indivíduo nunca esteve tão entrelaçado na vida organizacional e nas empresas e tão pouco livre em relação a si, seu corpo e sua psique. Driver (2019) aponta que a centralidade do trabalho na vida de alguns sujeitos faz com que trabalhadores encarem a aposentadoria como a desistência de ser quem são e até mesmo de ser felizes, ou seja, ela funciona como um esvaziamento da subjetividade.

Gaulejac (2007), fazendo uma reflexão sobre a gestão nas empresas, expõe que os funcionários são induzidos a projetar seus ideais de vida nos ideais da instituição, absorvendo assim os valores desta, com os quais alimentam seu ideal de eu. Com isso, o sujeito já não consegue se perceber em sua individualidade e faz do fundamento da sua existência social a empresa em que trabalha e o cargo que ocupa. Assim, o temor por perder o emprego e até mesmo parar de trabalhar se torna ameaçador, pois colocaria um fim “nessa existência”: “Parar é o vazio e o vazio é a angústia” (Gaulejac, 2007, p. 173). Roesler (2012), relata que:

. . . a aposentadoria pode se apresentar como uma ruptura com o projeto de ser para os sujeitos que tem no trabalho o foco central de suas vidas. A organização de trabalho funciona como um sistema de mediações, fornecendo a estes sujeitos uma estrutura de normas e valores calcados na lógica produtivista (exigência de alta *performance*, competitividade, desafios constantes, superação dos limites) que vem ao encontro de suas necessidades psicológicas e sociais. Nesta perspectiva, o trabalho é vivido como uma fuga ou estratégia para evitar o vazio existencial. Assim, deixar o ambiente organizacional adquire o sentido de morte (Roesler, 2012, pp. 15-16).

Nock (1992) afirmou que muitas pessoas veem a aposentadoria como uma perda de funções, renda e produtividade, questões socialmente reconhecidas. Pagés et al. (1987) expõem que o vazio da partida, ou seja, a aposentadoria, é vista pelo sujeito como um completo desamparo, e que sua única defesa é a evocação das lembranças do que viveu no período em que ainda trabalhava, fazendo do passado algo ainda presente, na tentativa de suportar essa perda. Para Caldas (1999), a despeito de existirem atenuantes individuais, não estar trabalhando tende a ser muito nocivo às pessoas, o que tem determinações complexas que necessitam ser examinadas com cautela.

R. Souza, Matias et al. (2010) ainda identificam que há um vínculo entre trabalho e qualidade de vida, na medida em que a exclusão do mercado de trabalho pode significar para o idoso piora nas condições de vida, em termos tanto econômicos quanto psíquicos e sociais. De acordo com Peres (2007), no mundo contemporâneo, onde a atividade assalariada é vista como fundamental, a aposentadoria está atrelada à velhice. “Nesse âmbito, a identidade pessoal é marcada fortemente pela identidade profissional e a própria ‘lógica ritualística da vida’ do homem ocidental, em si mesma, passa ser pautada pela entrada, permanência ou saída do mundo do trabalho” (p. 152). Para Guerreiro Ramos (1981) e Tragtenberg (1980), a sociedade capitalista traz consigo a visão da existência humana submissa ao trabalho, fazendo com que o ser se distancie cada vez mais de si mesmo. Na mesma direção, Roesler (2012) afirma:

aposentar é o ato de cessar as atividades profissionais e se liberar das obrigações e dos direitos ditados por um contrato de trabalho. É simplesmente deixar uma carreira, seja como empregado ou como autônomo, e passar a receber um benefício pecuniário mensal do INSS e/ou de outras instituições de previdência privada, sem trabalhar. É usufruir seu tempo da maneira que lhe aprouver. Pode ser também perder o “sobrenome” dado pela empresa na qual trabalha há anos. Ou ainda, deparar-se com a transformação de sua identidade construída **no e pelo** trabalho, no exercício de um *métier*. Em outro sentido, pode ser envelhecer bruscamente, deixando a condição de “adulto” para a de “velho”. Pode representar a morte social, a perda dos vínculos com outras pessoas. E por fim, pode ser o momento de viver um recomeço, de liberar-se dos limites impostos pelos outros (Roesler, 2012, pp. 83-84).

Siqueira et al. (2002) procuram situar os velhos na estrutura social produtiva, e colocam que

. . . a velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações fisiológicas, mas por um advento social, a aposentadoria, na qual o indivíduo passa pela transposição da categoria de trabalhador para ex-trabalhador; de produtivo para improdutivo; de cidadão ativo para inativo” (p. 4).

Nesse sentido, Messy (1999) complementa que “. . . a sociedade inscreve a pessoa numa perda assimilada ao envelhecimento, dando-lhe uma condição, a aposentadoria” (p. 21).

Para Carvalho (2009), o ser humano dá ao trabalho uma dimensão significativa para sua vida, que passa pela manutenção do orçamento familiar, a garantia da autonomia, o exercício mental, sua identificação diante da vida social e a prática da cidadania, visto que, a partir do trabalho, a pessoa desenvolve a capacidade de sentir-se ativa, atuante na sociedade em que vive, além de preservar suas relações sociais. Barreto (2012) complementa, afirmando que “a aposentadoria e a ociosidade que tendem a invadir a vida dos velhos encerram momentos de muita angústia e sofrimento, decorrências da morte social do sujeito” (p. 53).

O idoso que trabalha, independentemente de sua situação previdenciária, assume uma postura distinta do cidadão aposentado, visto que assume um poder de decisão no próprio domicílio (Coutrim, 2006; Sikota & Bretas, 2012). Dessa forma, a identidade assumida é de trabalhador, capaz de prover e inserir-se no contexto familiar e na vida social, distanciando-se da segregação social, além de manter certa liberdade financeira. Nascimento et al. (2016), em pesquisa realizada com idosos ativos no mercado de trabalho, que já tinham tempo de trabalho para requerer a aposentadoria, identificaram que a aposentadoria era indesejada e temida por todos os participantes. Eles argumentaram que o trabalho os fazia sentir-se vivos, autônomos e inseridos socialmente, além do fato de se manterem produtivos, conferindo-lhes bem-estar físico, emocional e mental. Mori (2006) constata que o trabalho é fonte de realização e estar ativo diminui a sensação de inutilidade, encontrada em muitas falas sobre a velhice. “O fato de poderem desenvolver seu trabalho com responsabilidade e de forma prazerosa, fá-los sentir[-se] úteis e valorizados” (p. 83).

Percurso metodológico

A pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa. A coleta e a análise de dados se deram por meio de entrevista e análise de narrativa, respectivamente (Flick, 2009). Na entrevista narrativa, o entrevistador não apresenta o esquema de pergunta-resposta, mas introduz um tópico amplo, encorajando a narrativa do sujeito entrevistado (Vergara, 2012). As entrevistas que compõem o *corpus* do estudo foram conduzidas de forma presencial e no local escolhido pela

pessoa entrevistada (local de trabalho, residência ou estabelecimento comercial). Os aposentados entrevistados assinaram o termo de consentimento, permitindo que a entrevista fosse gravada e que fossem utilizadas partes das narrativas no trabalho. Os nomes utilizados na análise dos resultados são fictícios e foram excluídas quaisquer características que pudessem identificar os sujeitos da pesquisa.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, tiveram duração média de 50 minutos e foram analisadas com o suporte do Atlas TI (software de análise de dados qualitativos), utilizando-se o método de análise de narrativa. Os nomes utilizados na análise dos resultados são fictícios, bem como foram excluídas quaisquer características que pudessem identificar os sujeitos da pesquisa.

Foram selecionados para participar da pesquisa 20 homens e mulheres que trabalharam ao longo de suas vidas e se aposentaram, entre 61 e 84 anos, dos quais nove mantêm alguma atividade laboral e onze não. Os sujeitos foram escolhidos de acordo com o perfil descrito, sendo utilizado o método conhecido como *snowball* (bola de neve) para o acesso a possíveis entrevistados (Baldin & Munhoz, 2011; Vinuto, 2014). Com base no referencial teórico, utilizaram-se quatro categorias para apresentar os dados: aposentadoria e situação financeira-legal; aposentar e voltar a trabalhar; visão da sociedade sobre a aposentadoria; aposentar e parar de viver.

Apresentação e análise dos dados

A seguir serão apresentadas as narrativas dos sujeitos da pesquisa e as análises dos dados, de acordo com as categorias explicitadas anteriormente.

Aposentadoria e situação financeira-legal

Esta categoria foi muito comentada pelos entrevistados. A situação econômica, financeira e legal que envolve o assunto é temida ou encorajadora de uma aposentadoria precoce, ou seja, com o sujeito ainda pouco preparado em amplo aspecto para o fim do trabalho. Toda instabilidade envolvida nesse assunto faz com que as pessoas acelerem antecipem esse momento, mesmo tendo força e vontade para se dedicar um pouco mais ao trabalho. Na verdade, às vezes, acelerar o processo não lhes faz bem financeiramente nem emocionalmente (Bruns & Soares, 2007).

França (1999) evidencia em seus estudos que no Brasil a aposentadoria ainda é tratada apenas sob a ótica econômico-financeira, deixando na maior parte das vezes o aspecto psicológico e social fora da discussão.

Alguns entrevistados narraram que ao se aposentarem tiveram uma queda brusca de padrão de vida, evidenciando que não esperavam por isso nem pela defasagem salarial que se acentua a cada ano. Comentam estar em situação financeira cada vez pior e sem muitas condições de recolocação no mercado de trabalho, que, pelas próprias experiências, não é muito interessado em pessoas mais velhas. Nesse sentido, Pedro (Pd.) comenta:

. . . eu saí prejudicado em termos de padrão salarial, não esperava por isto (Pd.).

Da mesma forma Felipe (F.) comenta que levou um choque com o salário de aposentado:

. . . o salário não tem nem comparação, a média de quatro mil reais por mês . . . me aposentei com seiscentos reais, entendeu?

Bianca (B.) foi professora ao longo da vida laboral e comenta que ficou sem receber aposentadoria por seis meses por conta de erro do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Todos os entrevistados mencionados, com exceção da Bianca, procuraram trabalho na tentativa de suprir a lacuna deixada pelo salário de aposentado, até porque são homens e têm esposas que não trabalhavam e dependiam do recurso financeiro que eles proporcionavam. No entanto, narraram preconceito com eles por conta da idade e apenas Felipe consegue fazer “bicos de pedreiro”, como ele mesmo conta. Enriquez (1997) comenta que, na sociedade do capital, quem não tem dinheiro não é nada, não tem poder de consumo. Nesse sentido, foi mencionado pelos entrevistados que a falta de recursos que enfrentam na velhice, momento em que a força de trabalho diminuiu, os gastos aumentaram consideravelmente e a aposentadoria é muito baixa, os deixa em condição de total vulnerabilidade (Standing, 2013).

Outros entrevistados apontaram quedas bruscas de salário, mas disseram que conseguiram compensá-la pelos investimentos feitos ao longo da vida. Ou seja, eles ganham uma “aposentadoria miserável”, como disse Helena (H.), mas por conta das reservas e investimentos que fizeram, conseguem ter uma vida estável.

Essa discussão também é evidenciada na fala de Mauro (Mu.), que se diz muito feliz e tranquilo com a aposentadoria, porém afirma:

Quantas vezes você vê família, fazendo contas do que vai fazer... Controle de gastos... aí é terrível. Aí é... aí deve ser horrível. Aí aposentar é terrível... (Mu.).

Essa fala demonstra também como o bem-estar está relacionado ao dinheiro e também ao que a pessoa pode comprar e consumir com liberdade e tranquilidade, deixando a questão da centralidade do trabalho em discussão. Diante das questões financeiras e emocionais ligadas ao trabalho ou ao fim do trabalho, o tópico a seguir aborda o tema “aposentar e voltar a trabalhar”.

Aposentar e voltar a trabalhar

Esta categoria evidencia que a volta ao trabalho após a aposentadoria, ou até mesmo a continuidade do trabalho, tem importantes impactos na vida do sujeito e relaciona-se com a forma de vivenciar ou não, perceber ou não, o luto dessa fase. A aposentadoria é um direito dos trabalhadores, no entanto pesquisas mostram que esse esperado tempo de descanso não corresponde às expectativas das pessoas. O complemento econômico tem sido necessário e, com isso, a volta ao trabalho é uma opção (Bitencourt et al., 2011). Carvalho (2009) afirma que o percentual de idosos no mercado de trabalho tem aumentado em relação aos números do passado e que, apesar da aposentadoria existir para trazer conforto ao indivíduo após a vida de trabalho, o ser aposentado carrega tantas conotações negativas na sociedade que talvez até se escolha voltar a trabalhar. Rogério (R.) conta que:

. . . a intenção era tirar as férias prêmio e não voltar mais. Então antes de publicar, eu fiquei 40 dias fora. Remoendo isso aí... Digerindo pra ver se eu ia aposentar ou não. Ai o que aconteceu? Eu quando voltei que eu resolvi, eu tive que enfrentar o mundo, tipo enfrentar todo mundo que trabalhava junto comigo e sabia, só lá no Fórum são mais de 400 pessoas que sabiam que eu ia aposentar, que todo mundo conhecia e eu tive que justificar “não... porque eu quero trabalhar”, “que eu tô muito novo” e todo mundo vinha e todo mundo que eu encontrava vinha me perguntar. Mas foi muito bom pra mim eu ter voltado, entendeu? Eu fiquei mais seguro. Parece que foi uma mudança de... de como é que eu vou dizer? Já era pra eu ser bem maduro e bem experiente, mas eu não era. Então ali parece que foi uma mudança, ali eu amadureci em questão profissional. . . . porque eu... É... Como é que eu vou dizer...? Eu achava que aquilo ali era assim: “dar tchau e beça”, “não preciso mais voltar aí”, “nunca mais vou passar em frente”. E não era nada daquilo. Eu dei valor. Eu dei valor àquilo que eu tinha, aquele trabalho que eu tinha, entendeu? (R.).

O que intrigou o entrevistado foi perceber a importância do trabalho em sua vida apenas no momento da aposentadoria e a percepção de que gostava de trabalhar, mas não sabia da representatividade que o trabalho tinha em sua rotina. Na narrativa vale destacar que, ao decidir não se aposentar, teve que justificar aos colegas de trabalho esse retorno, como se isso não fosse normal ou admissível uma pessoa poder se aposentar e não querer. Ele conta que teve que “enfrentar” a família por conta da decisão de não parar, demonstrando que talvez o trabalho não seja tão natural ao homem quanto se possa parecer.

A volta ao trabalho após a aposentadoria para Júlio (Jl.) não foi perceptível, pois faltou um dia de trabalho para ir ao INSS se aposentar e voltou no outro dia para trabalhar normalmente. Gilson (G.) narra que saiu da universidade e continuou dando aulas no MBA, que sente ser um trabalho especial não algo rotineiro, no qual ele é convidado, e que traz reconhecimento e satisfação.

Felipe conta que se aposentou na empresa estatal em que trabalhava e voltou a trabalhar na mesma empresa depois de privatizada. Posteriormente foi demitido e atualmente faz trabalhos esporádicos. Ele diz que não quer parar de forma alguma, que se sentiria bobo se pensasse em ficar em casa sem ver as pessoas e que trabalhar lhe possibilita comprar as coisas que ele, a esposa e a filha querem. A fala do Felipe demonstra, como já mencionado por Braga et al. (2008), que ter uma possibilidade de consumo maior contribui para o interesse do idoso ou aposentado de se manter no mercado de trabalho. Outro ponto que fica claro é que o entrevistado não quer se retirar da vida pública, sentindo-se bem em estar com atividades e trabalho. Caldas (1999) e Peres (2007) afirmam que um motivador forte para que o sujeito permaneça com alguma atividade de trabalho é poder estar em contato com outras pessoas e ser reconhecido por elas pelo trabalho realizado.

Visão da sociedade sobre a aposentadoria

Durante as entrevistas surgiram narrativas sobre como a sociedade enxerga o aposentado e como a cultura brasileira influencia essa visão. Vale ressaltar que ao narrarem a visão da sociedade, eles não deixam de falar de sua própria visão da aposentadoria, o que pode contribuir positivamente ou não para esse processo na vida de cada sujeito. Standing (2013) comenta que o trabalho remunerado foi colocado em posição de grande destaque no século XX e que tudo que não se refere a isto é desvalorizado na sociedade moderna. Cardoso (2009) complementa que, para a sociedade atual, o tempo que não é empregado para gerar valor financeiro não tem valor ou não está sendo investido em coisas importantes. Paulo (Pl.) aponta em sua narrativa:

Hoje “tá” até mudando um pouquinho o modo como a sociedade tá vendo né. Porque tem o Fernando Henrique que chamou o aposentado de vagabundo né. Falando em vídeo, tem um vídeo dele falando isso. E ele aposentou com quarenta e poucos anos. Aposentou bem cedo. Eu continuo trabalhando e continuo contribuindo e esse dinheiro que eu contribuo não serve para nada, não vai aumentar a minha aposentadoria. Uma maneira até injusta né. Então eu só contribuo. Então eu sou aposentado e continuo contribuindo. Então eu recebo um valor, mas “tô” contribuindo. Nesse ponto assim, as minhas filhas falam assim: queria tá na sua pele, você tá aposentado e não precisa nem trabalhar. Mas não é assim (Pl.).

. . . eu acredito que a sociedade vê como um folgado, o cara que, e eu já escutei muito assim “pô eu estou doido pra aposentar sacou, você está aposentado aí sem fazer nada”, e apesar que após a aposentadoria eu tive problemas de saúde, que eu nunca tinha passado por um problema grave de saúde. E eu tive dois problemas graves de saúde depois de aposentar. (Pd.)

Felipe conta que sente discriminação da sociedade e também dos colegas de trabalho que sabiam que ele já era aposentado. Ele conta que recebia insinuações no trabalho de que “era vagabundo porque já tinha se aposentado”. Com os mesmos termos mencionados por Felipe, Paulo lembra de uma opinião dada por um governante que insinuou que aposentado era vagabundo, demonstrando a impressão que pode ter ficado para as pessoas sobre os aposentados e as pessoas que não trabalham mais. Pedro expõe a mesma linha de pensamento ao dizer que o aposentado é visto como um “folgado”, uma pessoa que fica “aí sem fazer nada”. Outro ponto que Paulo menciona é que o aposentado que continua trabalhando tem que recolher ao INSS um valor que não terá direito de usar, pois já recebe a aposentadoria pelo tempo em que contribuiu, colaborando para o sistema previdenciário, e poucos têm conhecimento disso. Esse tipo de discussão e ponto de vista ilustra como esse ainda é um tema árido que traz contradições nas situações vivenciadas.

Helena relata que, à primeira vista, não exercer atividade remunerada tem uma conotação negativa para as pessoas:

Ah, a primeira coisa que vê é... “ah ele não faz nada...”. Primeira coisa “oh, aquele ali virou aposentado”, aposentado assim, como não tem um trabalho, não tem um emprego, não faz nada, fica mais em casa, isso é ruim (H.).

Na mesma ideia, Leda (Ld.) diz que a sociedade não valoriza o aposentado. Sávio (S.) e Elder (E.) compartilham também de opiniões semelhantes:

É aquele que tá... mais parado. No fundo, no fundo aqueles que não trabalham, são aposentados que ficam à toa, a sociedade repara, recrimina. Se a pessoa é muito bem de vida, ela tá sempre sendo chamada pra algum acontecimento social ou coisa parecida e tem divertimento, mas se não tiver, “poxa tem nada pra fazer” (S.).

Eu acho que o aposentado poderia ser mais bem tratado, eu acho que é um pouco deficiente esse tratamento, acho que deveria ter mais respeito, acho que o governo também deveria dar mais assistência, acho que ainda está faltando alguma coisa aí, não é como deveria ser, acredito até que tá melhorando, mas acho que tem muita coisa a ser feita (E.).

Sávio faz em sua fala uma divisão do aposentado que fica “à toa” e o que não fica, ou seja, o que trabalha e o que não trabalha. Essa separação é vista na fala de Helena também, trazendo uma impressão de que o aposentado que opta por ficar sem trabalhar é mais desvalorizado por “não fazer nada”. Mucida (2006) trata deste ponto ao falar que o aposentado que não opta por trabalhar é visto como de menor valor na sociedade do que o que trabalha. Um ponto mencionado por Sávio é a falta de opções de atividades para o aposentado, pois a pessoa que tem dinheiro continua inserida na sociedade, sendo convidada a eventos, no entanto a que não está “muito bem de vida” sente o ócio e a exclusão social.

Rogério e Marcela (Ma.) trouxeram um elemento diferente: a sensação de ser observados, julgados pela sociedade. Marcela conta:

Olha, eu vou te falar, a partir de quando eu saí do banco, a sociedade te olha como se a gente fosse inútil, a gente se sente observada, vigiada (Ma.).

Da mesma forma, Rogério relata que se sentia observado pelos outros quando estava “à toa”, ou ia levar os filhos de bermuda na escola:

Olha, eu não sei o que a sociedade vê, mas eu achava que ela ficava me olhando (risos). Entendeu? Eu achava que ela me falava assim “olha o aposentado ali” eu não achava legal esse negócio de aposentado. Tanto que hoje na hora que eu tenho que preencher alguma coisa que tá... “Profissão”? Eu não coloco aposentado eu coloco advogado. Eu não gosto dessa... dessa nomenclatura de aposentado assim... esse nome, “ah, você é aposentado...”. Eu não ligo tanto pro idoso, mas para o aposentado... Porque tem gente que trabalha até morrer... 90 anos! (R.)

Caldas (1999) aborda o estigma de quem não trabalha, concluindo que, como trabalhar é algo importante e a produtividade é bem-vista pela sociedade, não estar trabalhando gera um sentimento de vergonha e desvalorização perante os outros. Ele complementa que a aposentadoria, nesse cenário, tem uma conotação negativa e de inatividade diante da sociedade, conforme está explicitado nas narrativas dos entrevistados. Marcela traz a sensação de ser vigiada e assinala o sentimento de dever algo à sociedade e Rogério tem aversão ao termo “aposentado”, dizendo não se importar tanto com “idoso”. Há, dessa forma, uma expressão de que se aposentar ainda gera uma sensação de desconforto, como exemplificado por Marcela e Rogério. É importante destacar que ambos se aposentaram e voltaram a trabalhar, possivelmente por não terem suportado a ideia de se apresentar como aposentados, como ilustra a fala em que Rogério deixa claro que não se intitula aposentado de forma alguma se alguém perguntar sua profissão.

Laura (Lr.), além de concordar com a percepção sobre o aposentado não ser bem-visto, narra que foi diversas vezes acusada de dar um “golpe no governo”, apesar de ter contraído a doença que a invalidou trabalhando: lesão por esforço repetitivo (LER). Tais relatos contribuem para uma leitura do porquê muitas vezes aposentar-se é difícil e até vergonhoso para algumas pessoas. Vale ressaltar que esses pensamentos ficam presentes, inclusive de forma inconsciente, nas pessoas que, quando se veem diante dessa situação, vivenciam sensações difíceis de ser entendidas e administradas.

Um fardo né, o aposentado pra sociedade hoje eu acho que é um fardo que onera a previdência então eles veem o aposentado assim... eu acho. Eu acho que não é visto como útil, eu acho que não... há uma discriminação sim com o aposentado. Há grande discriminação com aposentado, eu falo que é aposentada... uma época teve até uma até o colega de banco perguntou “ ah, mas você aposentou quando?”, “Ah, eu aposentei por LER”, “Ah, então você era dos desocupados que deu uma pernada pra aposentar pra se dar bem, né?”, eu falei: “não, eu não fiz isso não!”, então é isso, ainda mais no meu caso que é aposentado, eu aposentei por LER parece que eu dei aquele golpe né na previdência, até hoje tem gente que vê assim. (Lr.)

Dalva (D.) e Júlio relatam que o trabalho inscreve o sujeito como um ser importante na sociedade e que quando ele não trabalha mais, ele fica ultrapassado, sem voz, sem importância.

Eu acho que a sociedade ver o aposentado como um cara que já passou, já aposentou, já passou entendeu, e o aposentado sente isso é ele é um pouco assim, muita gente eu converso com muita gente eu sinto que a pessoa fica meio na baixa, a pessoa fica se sentindo assim, a pessoa fica meio sem graça menina... eu já sou aposentada, eu acho que a sociedade ainda é cruel com o aposentado, ele ainda é discriminado (D.).

... o aposentado que fica parado, o parado, eu acho que ele não é muito bem visto, é visto como um coitado “ah vamos dar uma pensão pra ele ali”, não é assim, ninguém busca nele mais nada , é isso que eu percebo, então eu acho que é uma situação, assim, muito ruim, então eu quero aposentar em uma hora, assim, que eu não tiver mais forças, não tenho mais forças pra fazer mais nada, nem pra trabalhar aqui, aí vou ficar em casa, sentar na minha cadeira ou em uma cama sei lá o que, porque aí

já não tem mais forças, porque se você sai igual eu tô aqui hoje, sem sentir nada, sem aparentemente ter nada, e ficar andando na rua aí sem rumo, não, eu não quero isso, então eu acho assim, é por isso que eu falo, eu aproveito a oportunidade de trabalhar em uma empresa que nem essa, que é grande, que tem muita atividade (Jl.).

Peres (2007) e Roesler (2012) trazem a reflexão de que, quando já não tem mais um trabalho – essa forma de se inscrever na sociedade e de ser alguém no mundo –, a pessoa é vista como alguém que passou, com menos valor e prestígio. Essa narrativa foi reforçada na fala da Dalva, aposentada que não trabalha mais, ao dizer que o aposentado é “um cara que já passou”, que fica meio “sem graça” e que é discriminado. Possivelmente ela está referindo à sua experiência e sua própria visão, que vai na mesma direção da de Júlio, aposentado que continua a trabalhar, ao afirmar que quem fica parado é visto como um coitado pela sociedade. Diante de sua própria visão e preconceito, diz só querer parar de trabalhar “quando não tiver mais forças” ou estiver “em uma cama”, para talvez não ter que passar os desgostos de se inserir nessa categoria, na qual “ninguém busca nele mais nada”.

De maneira distinta, Gilson traz em sua narrativa a visão de que a sociedade vê o aposentado de forma positiva, mais próxima à percepção de Aloísio (A.), de que o aposentado deve ser valorizado. No entanto, é importante ressaltar que tais discursos vieram de duas pessoas que não pararam de trabalhar e não mencionam ter data de parar. Muito pelo contrário, são indivíduos que temem essa ruptura e se mostram muito orgulhosos do trabalho que ainda realizam.

Olha, ninguém imagina que a pessoa é inútil. Todo mundo imagina que ela já teve o tempo dela de trabalhar, e agora já cumpriu o seu tempo e ele agora simplesmente não teria a necessidade de continuar com a atividade. A sociedade não penaliza nada não, trata normal. Não como uma pessoa improdutiva, uma pessoa que seja um usuário daqueles que trabalham. Tratam normal como se estivesse trabalhando (G.).

A sociedade vê o aposentado com um peso pra ela, infelizmente. O jovem diz: “Eu tô pagando pra você ficar atoa” e tá errado isso. Tá errado isso. Há necessidade de valorização do aposentado e idoso. Porque ele deu a sua contribuição para o progresso do país. Então muitas vezes eu encontro com alguns aposentados que tão aí atoa, atoa não, que falam também assim: “Pô, e não reconhece o que eu fiz”. Tá certo, então há necessidade de valorização da terceira idade, para que a terceira idade tenha um nível de vida satisfatório e principalmente que se sinta feliz. A pessoa infeliz vai embora. Vai morrer (A.).

Com isso, pode-se perceber que, apesar da diversidade de opiniões e visões, envoltas nas singularidades e particularidades de cada um, é perceptível que a sociedade capitalista, marcada por produção, consumo e reinvenção (Tragtenberg, 1980; Guerreiro Ramos, 1981), não acolhe bem a pessoa que não está produzindo algo de valor financeiro. Essa afirmação ajuda a perceber que, mesmo fora do tempo de trabalho, as pessoas são julgadas por sua utilidade, o que torna o tempo de não trabalho penoso e muitos não se sentem à vontade para usufruir dele.

Aposentar e parar de viver

No desenlace da entrevista, no momento em que concluíam, resumiam e caminhavam para a finalização, alguns entrevistados atrelavam o fim do trabalho ao encontro da finitude da vida. Eles traziam, nesse momento, metáforas como fim, término, invalidez, morte, morte para a sociedade, incapacidade, perda e adoecimento, e também a afirmação de que agora eles não têm mais futuro.

Pode-se perceber nas entrevistas que a experimentação do tempo futuro é diferente para o idoso, pois quanto mais o tempo passa, mais têm a impressão de que estariam próximos do fim.

Caldas (1999) contribui com esta reflexão ao afirmar que “em busca de sentido que transcenda sua existência, muitos indivíduos acabam identificando-se com organizações” (p. 268). Ele continua dizendo que ao mergulhar na vida do trabalho, há uma negação da morte e uma tentativa de não se dar conta dessa realidade: a finitude. Paulo complementa este pensamento:

Parar de trabalhar abrevia a vida das pessoas. Aposenta e em um curto espaço de tempo morre né. Isso eu tenho centenas de exemplos. Acho que se eu parar estou colocando um fim em coisas maiores que o trabalho (P).

José (Js.) traz em sua narrativa como o trabalho é importante para se manter vivo e como teme esta questão da finitude:

Agora, quando chega a idade, bate também aquele negócio da finitude, de você já começar a imaginar que daqui a pouco já estou mais para lá do que para cá. Mas isso é uma coisa que dá e passa, porque você já está tão envolvido com suas atividades acadêmicas que não pensa muito nisso (Js.).

Roesler (2012) afirma que o trabalho muitas vezes é vivido como uma forma de escapar do vazio existencial e que, assim, deixar de trabalhar adquire uma similaridade com a morte. Os estudos de Caldas (1999) apontam que existem evidências na relação de vida e morte com o trabalho e que o emprego traz essa relação de vício e fardo na qual não seguir mais essa rotina diariamente acarreta sensações e imagens vivas do confronto com a morte. Uma fala de Júlio deixa em aberto alguns receios:

Ah, quando eu penso no futuro assim, a gente, tem umas coisas do futuro que a gente não gosta muito de pensar, né? (Jl.).

E na mesma direção, Gilson e Felipe dizem:

Diferente dos outros, velho não tem futuro, só tem presente. Ele não tem futuro, e está muito bom. Ele não tem futuro, a única coisa que ele tem é viver o presente porque o futuro não vai ser engraçado pra ele não, porque ele é velho. Então, velho o futuro fica mais velho. Então aproveita enquanto não está tão velho (G.).

Eu não vou ficar pensando em futuro, não vou guardar dinheiro pro futuro, o futuro meu já está aqui, o futuro é agora, o meu, o futuro é agora, que futuro eu vou ter daqui a cinco anos? Meu futuro é minha filha, eu tenho minha casa, eu deixei pra ela, tenho . . . eu estou realizado, em termos de, pra mim e pra ela. Vou guardar dinheiro pra que agora? Se eu ganhar um dinheiro agora, vamos dizer uns duzentos mil eu vou fazer o que? Vou gastar comigo ué, porque o futuro é agora. O meu futuro é agora. Já trabalhei, já aposentei duas vezes ué, vou guardar pra quem agora? (E).

Alguns entrevistados, ao falarem de futuro, mencionam a família como seu ponto de referência:

Olha, eu penso assim nos meus filhos, né? Eu penso na... na... Que eu ainda quero poder ajudá-los bastante. Não quero que eles me vejam como um aposentado então eu vou trabalhar até quando eu não tiver mais jeito mesmo. Quando eu não tiver mais possibilidade motora ou mental, aí eu

vou parar. Porque ele não é um trabalho desgastante que eu tenho que está ali e aquela coisa. Eu posso controlar (R.).

Pro futuro quero é mais é a dedicação a família, e se possível continuar viajar porque eu gosto muito de viajar né? Eu acho que a viagem me acrescenta muito! Mas a verdade é que cada ano que passa os planos pro futuro diminuem mais, né? A gente tem época que tem que falar: “não, peraí, eu estou acomodando”, e eu me sinto uma aposentada mesmo, aí é muito ruim né? Nossa estou cheia de limitação, mas aí eu tenho que pôr na balança pra saber não é assim não, se você acomoda é pior né (L.).

Pages et al. (1987) referem que um dos grandes medos humanos é o da morte e que trabalhar e estar envolvido com uma organização ajuda o sujeito a lidar com essas questões inconscientes. Os autores afirmam que essa dependência do local de trabalho e do próprio trabalho em si é para não ter que lidar com a finitude da vida, e é por isso que, quando percebe que não está mais ligado ao emprego ou à atividade que executava, o indivíduo se sente angustiado. Dizem ainda que se fundir psicicamente com algo maior e mais duradouro, como a empresa em que trabalha, dá ao indivíduo a sensação de afastar-se um pouco da realidade da finitude da vida.

Nesse sentido, foi possível perceber a contribuição do trabalho na minimização dos incômodos da percepção da finitude, de modo que, para muitos entrevistados, estar sem trabalho é colocar um fim na própria vida. Com isso, o sujeito sente dificuldade em deixar de trabalhar e se aposentar, visto que o trabalho é central em sua vida e em sua psique. Outro ponto conclusivo é que aceitar-se como aposentado é também se ver velho – logo, menos incluído em uma sociedade que valoriza o novo – e mais próximo da morte.

Considerações finais

Tratar do tema aposentadoria, por mais debatido que ele seja, é delicado e de abordagem sutil. A vivência desse processo pode ser considerada ambígua e até mesmo contraditória, pois, ao mesmo tempo que traz liberdade, merecimento e alívio, é também carregada de tristezas, perdas e receios. Ao se referir ao processo de aposentadoria, os sujeitos fizeram um balanço de perdas e ganhos, evidenciando a impossibilidade de analisar o acontecimento apenas por uma ótica. Os principais ganhos evidenciados tiveram relação com o maior convívio com a família, maior maturidade para compreender os processos da vida e liberdade, sendo essa última segmentada em: liberdade de horários e compromissos; liberdade para fazer aquilo de que gosta; liberdade de não ter cobranças; e o simplesmente ser livre. Em relação às perdas, foram enfatizados pelos entrevistados a perda do convívio social e a financeira e de padrão de vida. Em suma, a vivência desse momento por cada sujeito é feita de forma singular, mas não se pode negar que, socialmente, a aposentadoria carrega uma conotação negativa dentro de um contexto marcado pelo produtivismo do capitalismo, que traz a centralidade do trabalho como consequência e sua ligação com a velhice, também discriminada pela sociedade.

A relação do aspecto financeiro com o processo de aposentadoria foi ressaltada em vários momentos pelos entrevistados da pesquisa. Na prerrogativa de que o trabalho remunerado é supervalorizado, quem trabalha e ganha dinheiro ocupa posição central, de poder, de opinião e de consumo. Logo, quem não trabalha não encontra lugar na sociedade capitalista, sendo, então, desvalorizado e excluído. Evidencia-se que os aspectos subjetivos desse processo, como a desvinculação da atividade, do grupo e da identidade construída, não são ponderados com o mesmo critério que os aspectos mais tangíveis.

Ainda sobre a questão financeira, foi possível perceber que os aposentados da pesquisa que se consideram bem e estáveis financeiramente ainda têm vínculo de trabalho remunerado ou conseguiram fazer investimentos ao longo da vida, o que lhes dá maior conforto. Por outro lado, os que vivem do dinheiro exclusivo da aposentadoria evidenciaram que as contas não fecham, ou seja, o valor recebido é insuficiente para se levar uma vida digna na velhice. Na pesquisa, ficou evidente que o trabalho e a aposentadoria marcam o sujeito por aquilo que ele é trabalhando e o que ele pode consumir com a contrapartida paga pelo trabalho. Nesse sentido, é importante haver um questionamento sobre a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, dado que, ao mencionar sua ruptura, o que se apresenta também é uma ruptura do consumo. Assim, a centralidade estaria no trabalho, no consumo ou em ambos?

Para a maior parte dos sujeitos, ficou evidente que o tempo de descanso é legitimado pelo trabalho e que não estar trabalhando diminui o direito de o sujeito usufruir do ócio, do lazer e do tempo livre. Detectou-se ainda, adicionalmente, que essa liberdade em relação ao uso do tempo, advinda da aposentadoria, é aproveitada por poucas pessoas. Partindo do pressuposto da centralidade do trabalho, os sujeitos passam muitos anos de sua vida com uma relação intensa com o trabalho, vivendo a vida pessoal amplamente entrelaçada com a vida do trabalho. Logo, ao se verem distantes dessa dinâmica, as pessoas são convocadas a um processo que pode ser penoso e pelo qual nem todos darão conta de passar tranquilamente. Ademais, o trabalho impõe rotina e ritmo na vida do indivíduo e a ausência dessa rotina foi o que muitos entrevistados alegaram como um problema ao se perceberem aposentados.

O ser aposentado carrega, na visão dos entrevistados, conotações negativas, das quais os sujeitos muitas vezes tentam se esquivar de diversas formas, inclusive continuando a trabalhar. Uma das conotações narradas foi a de que se aposentar é declarar a própria velhice, impotência e improdutividade, algo indesejável. A percepção é de que, por mais que se aposentar seja um direito das pessoas, isso não é socialmente bem aceito, pois qualquer tempo que não seja destinado à geração de valor financeiro não é considerado como um tempo de valor. Os entrevistados mencionam que o aposentado é visto como “peso”, “fardo para a sociedade”, “folgado”, pessoa que deu um “golpe no governo”, “inútil”, “sem voz”, pessoa “sem importância”, “parada” e “discriminada”. Assim, houve diversos exemplos de continuação da vida laboral para que a pessoa não tenha que dar conta do próprio envelhecimento e ser enquadrada nas características que o aposentado carrega.

Alguns aposentados se recuam a parar de trabalhar e ter que se legitimar como “velhos” e muitos afirmaram continuar trabalhando para não envelhecer. Outra evidência encontrada na narrativa de vários sujeitos foi uma clara percepção de preconceitos e discriminação pelo fato de serem velhos e trabalharem. Diante de tantos receios e relatos, nota-se que o idoso na cultura brasileira não é visto como exemplo de admiração e referência, mas como um indivíduo que precisa disfarçar a idade para ser aceito socialmente e no mundo do trabalho. Ainda sob os aspectos culturais, foi identificado que o Brasil não acolhe o aposentado de forma geral, que os recursos disponíveis são insuficientes para que a pessoa possa viver dignamente na velhice, que o transporte e a saúde não favorecem o velho e que os programas da terceira idade muitas vezes mais ridicularizam os idosos do que os valorizam.

A percepção repassada pelos entrevistados é que não se tem uma relação direta e conclusiva nesse aspecto, ou seja, profissões tidas como mais pesadas, por exemplo, acelerariam o desejo de se aposentar, o que não foi verificado. O que se pôde perceber é que quanto melhor a relação do sujeito com a atividade que realiza, maior a possibilidade de o dia da aposentadoria ser postergado. O lugar que o trabalho ocupa na vida da pessoa pode também determinar maior ou menor desejo de se aposentar. Em suma, a preparação das pessoas para o processo de aposentadoria é feita, em sua maior parte, apenas pela ótica financeira, não se organizando pelos aspectos subjetivos que este momento guarda.

Referências

- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). *Snowball (bola de neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária* [Apresentação de trabalho]. 10º Congresso Nacional de Educação – Educere, 2011, Curitiba, PR, Brasil.
- Barreto, R. O. (2012). *Encontros e desencontros: Um olhar sobre a velhice em uma instituição de longa permanência para idosos* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Barreto, R. O., & Ferreira, L. (2011). “Luto e melancolia”: Contribuições psicanalíticas para o entendimento dos reflexos da Aposentadoria na Subjetividade dos Indivíduos [Apresentação de trabalho]. 35º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Bitencourt, B. M., Gallon, S., Batista, M. K., & Piccinin, V. C. (2011). Para além do tempo de emprego: O sentido do trabalho no processo de aposentadoria. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 30-57.
- Bruns, M. A. de T., & Soares, M. C. (2007). *Envelhecimento humano: diferentes perspectivas*. Alínea.
- Caldas, M. P. (1999). Demissão: Alguns significados da perda de emprego para o indivíduo. In M. P. Caldas & T. Wood Jr, *Transformação e realidade organizacional: Uma perspectiva brasileira*. Atlas.
- Cardoso, A.C.M. (2009). *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: Disputas em torno da jornada do trabalhador*. Annablume.
- Carvalho, A. S. (2009). *Gestão de pessoas e envelhecimento: Sentido do trabalho para o idoso* [Apresentação de trabalho]. 33º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, SP, Brasil.
- Coutrim, R. M. E. (2006). Idosos trabalhadores: Perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Revista Sociedade e Estado*, 21(2): 367-90.
- Cunha, N. A., Scorsolini-Comin, F., & Marin, R. C. (2021). Intervenções psicológicas no processo de aposentadoria: Revisão integrativa da literatura brasileira. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(1), 2-18.
- Driver, M. (2019). Who will I be when I retire? Introducing a Lacanian typology at the intersection of present identity work and future narratives of the retired self. *Human Relations*, 72(2), 322-343.
- Enriquez, E. (1997). O indivíduo preso nas armadilhas da estrutura estratégica. *Revista de Administração de Empresas*, 37(1), 18-29.
- Flik, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Fossatti, E. C., Borges, M. L., & Mozzato, A. R. (2022). Sensemaking no processo de aposentadoria: estudo de caso em uma instituição de ensino superior. *Revista de Administração da Unimep*, 19(7), 159-179.
- Fossatti, E. C., Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2021). Compartilhamento e transferência de conhecimentos de trabalhadores em fase de aposentadoria: Analisando os diferentes BAs. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 11(3), 56-78
- França, L. (1999). Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In R. Veras (Org), *Terceira idade: Alternativas para uma sociedade em transição*. Relume-Dumará.
- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Ideias & Letras.
- Guerreiro Ramos, A. (1981). *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Fundação Getulio Vargas.
- Locatelli, P. A. P. C., & Fontoura, D. D. S. (2013). Envelhecimento populacional e os estudos em Administração. *Gestão e Sociedade*, 7(17), 273-300.
- Magalhães, M. O., & Brito, F.S. (2022). Ajustamento à aposentadoria: Relações com saliência de carreira e realização de carreira. *Psico-USF*, 27(1),143-156.
- Messy, J. A. (1999). *Pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. Aleph.
- Mori, M. M. (2006). *Aposentadoria e trabalho: Investigação sobre a (re)inserção do idoso no mercado de trabalho* [Dissertação de mestrado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Mucida, A. (2006). *O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice*. Autêntica.
- Nascimento, R. P., Costa, D. V. F., Salvá, M. N. R., Moura, R. G., & Simão, L. A. S. (2016). ‘Trabalhar é manter-se vivo’: Envelhecimento e sentido do trabalho para docentes do ensino superior. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11(2), 118-138.

- Nock, S. (1992). *Sociology of the family*. Prentice Hall.
- Pagés, M.; Bonetti, M.; Gaulejac, V., & Descendre, D. (1987). *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. Atlas.
- Peres, M. A. C. (2007). *Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Roesler, V. R. (2012) *Posso me aposentar "de verdade": E agora? Contradições e ambivalências vividas por bancários no processo de aposentadoria* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sargent, L. D., Lee, M. D., Martin, B., & Zikic, J. (2013). Reinventing retirement: new pathways, new arrangements, new meanings. *Human Relations*, 66(1), 3-21.
- Sikota, C. S., & Bretas, A. C. P. (2012). O significado de envelhecimento para o vendedor ambulante idoso. *Revista de Enfermagem*, 2(1), 135-144.
- Siqueira, R. L., Botelho, M. I. V. & Coelho, F. M. G. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 899-906.
- Soares, S. S. S., Costa, C. C. P., Oliveira, C. R., & Souza, N. V. D. O. (2021). Teoria das representações sociais e os sentidos da aposentadoria no Brasil. *Revista Enfermagem UERJ*, 30(1), 1-5.
- Souza, L. B. C. de, Leal, M. C. C., Bezerra, A. F. B., Silva, I. C. de L., Souza, L. C. G. de, & Espírito Santo, A. C. G. do (2020). Fatores de postergação da aposentadoria de idosos: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(10), 3889-3900.
- Souza, R., Matias, H. A., & Bretas, A. C. P. (2010). Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, 15(6), 2835-2843.
- Standing, G. (2013). *O precariado: A nova classe perigosa*. Autêntica.
- Tragtenberg, M. (1980). *Administração, poder e ideologia*. Moraes.
- Turner, S. L. (2007) Introduction to special issue: Transitional issues for K-16 students. *Professional School Counseling*, 10(3), 245-252.
- Vergara, S. C. (2012). *Métodos de coleta de dados no campo*. Atlas.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(3), 203-220.

Endereço para correspondência
deboravargas82@gmail.com

Recebido em: 24/05/2021
Revisado em: 04/12/2022
Aprovado em: 21/12/2022

